

REPORTAGEM ESPECIAL

Como é o jeito do capixaba?

BIANCA PIMENTA/AT

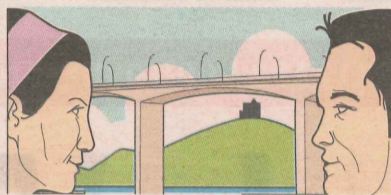
Religioso, apegado à família e às tradições são algumas das características de quem nasceu e vive no Espírito Santo

ROBERTA PEIXOTO

Um povo ligado à família, religioso e apegado às tradições. Essas são as características que definem o capixaba, na visão dos especialistas. Há quem diga, ainda, que ele sabe aproveitar a vida melhor do que ninguém.

O professor do Centro Universitário Vila Velha (UVV) e especialista em História Política Adilson Vilaça afirma que os capixabas possuem uma identidade distinta e que não adianta ficar procurando uma essência.

“O que caracteriza o Estado é esse mosaico. Somos uma população de pouco mais de 3 milhões de habitantes, em que se sobres-



saem as etnias que vieram para cá. É exatamente isso que faz com que sejamos diferentes dos outros brasileiros”, ressalta o professor, que nasceu em Minas Gerais, mas confessa ser capixaba de coração.

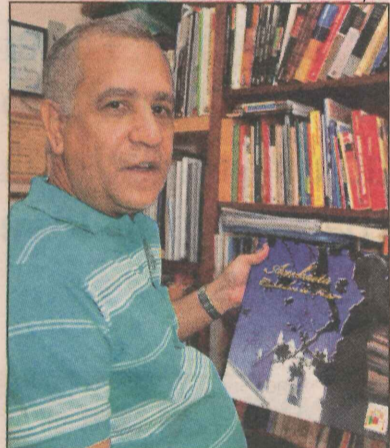
A religiosidade é outro item que faz parte da vida da população. Quem nunca viu, por exemplo, alguém fazer o sinal da cruz enquanto está na Terceira Ponte e passa pelo Convento da Penha?

“Os capixabas são muito religiosos. Há quem tenha até duas religiões. Se ele não for assim, com certeza, vai expressar essa religiosidade de alguma outra forma”, destaca Adilson.

O sociólogo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Eryl dos Anjos frisa que o capixaba é hospitaleiro, apegado às tradições, costumes e hábitos e muito ligado à família.

“O capixaba não só está preso às relações familiares como defende isso e considera importante. Podemos comprovar o fato com pessoas que, mesmo depois de certa idade, continuam morando com os pais. É algo valorizado e tido como positivo.”

ANTONIO MOREIRA/AT



Adilson Vilaça: identidade



FAMÍLIA RECEPTIVA E ANIMADA

Descendente de italianos e portugueses, a advogada Christiane Fonseca de Moraes, de 22 anos, afirma fazer parte de uma família receptiva e animada.

Para ela, essas são características que representam bem o espírito do capixaba. “Nasci no Estado e nunca moramos em outro lugar. O máximo que fiquei fora foi por um ano, enquanto fazia intercâmbio nos Estados Unidos. Sou apaixonada pelo Espírito Santo. Tenho até uma bandeira com a frase 'Eu amo Vila Velha'.”

Quando questionada sobre algo que considere um ícone do Estado, ela destaca a moqueca capixaba.

“Esse prato da culinária é a cara daqui.”

Isso sem citar as praias, que são maravilhosas”, destaca Christiane.

Na sua opinião, falta um investimento maior por parte do governo e de ações que possam valorizar o que existe de bom no Estado, para que o Espírito Santo fique mais conhecido.

A ligação com a família é outra característica forte da advogada e reforça a afirmação dos especialistas, que ressaltam o valor que os capixabas dão aos elos familiares.

A prova disso é que no último feriado estavam todos reunidos em Guarapari, aproveitando as horas de folga juntos.

Entre os familiares estavam o pai Car-

los César, 54, a mãe Mara Lúcia, 49, e a avó Neir, 74 anos.

O sociólogo Eryl dos Anjos, professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), ressalta que o pensamento de muitas pessoas quanto ao fato de o capixaba ser fechado e não permitir a aproximação das pessoas que não conhece vem exatamente de como são feitas as relações.

Isso está ligado à dependência familiar e ao fato de já terem os grupos de convívio normalmente fechados.

Essa fragmentação pode fazer com que as pessoas de fora sintam dificuldade de entrar num determinado grupo ou até mesmo de se aproximar.

A IDENTIDADE DO CAPIXABA

CALDEIRÃO ÉTNICO

O que caracteriza o Estado, segundo os especialistas, é exatamente a mistura de etnias existentes.

Numa população de pouco mais de 3 milhões de habitantes é o que se sobressai. Por isso, a facilidade do capixaba de aceitar

o que é do outro e o que veio de outros lugares. São vários povos num único lugar, cada um com os seus costumes e hábitos. O fato se reflete, inclusive, na política.

No cargo mais alto do executivo capixaba já passaram governadores de todas as etnias. Já estiveram no poder descendentes de alemão, de português, de libanês, de negro, italiano e até de árabe.

TORTA CAPIXABA

Na culinária, a torta capixaba resume bem a identidade do Estado. É um prato

que nasceu, segundo o professor e especialista em História Política Adilson Vilaça, para garantir a sobrevivência dos mais pobres na Semana Santa, já que a recomendação era não comer carne no período.

Ela foi sendo aprimorada e hoje é consumida por pessoas de diferentes lugares do Estado e de diferentes religiões. O melhor: a torta capixaba só existe aqui, ao contrário da moqueca, que existe em outros lugares do País.

MISTURA NO SELF-SERVICE

Segundo o professor da UVV e especialista em História Política Adilson Vilaça, é só entrar em um self-service do Estado para perceber que ali há um pouco de tudo. Tem lasanha, feijoada, moqueca, quibe e outros pratos que comprovam a diversidade até mesmo na culinária.

“Vamos a Domingos Martins, por exemplo, que é uma região de alemães, e também encontramos comida de todos os tipos, da feijoada, que surgiu na senzala, à moqueca, que é tipicamente indígena, e pizza, que pertence à cultura italiana.”

REFERÊNCIA EM VEZ DE ENDEREÇO

Outra característica que define o capixaba é que ele não tem endereço, e



O azul e o rosa, da bandeira do Estado: cores preferidas

sim referência. É só perguntar a alguém onde mora, que a resposta vem logo: “Ah, depois que passar o supermercado tal, vire à direita”, ou “Moro atrás da escola tal”.

Entre os capixabas, nome de rua, número, nada disso interessa. É só fazer o teste. Ao perguntar como se chega a uma determinada loja, antes mesmo de saber o nome da rua, vem o questionamento: Ela fica perto de quê?

PREFERÊNCIA POR ROSA E AZUL

Quando o assunto é cor, a preferência das mulheres é pelo rosa, enquanto os ho-

mens se expressam no azul.

“Seja no fichário, no estojo de lápis ou na pregadeira de cabelo das meninas, sempre há algo de rosa. É um comportamento típico daqui”, garante Adilson Vilaça, professor da UVV e especialista em História Política.

Já o azul é parte integrante do vestuário masculino. “As mulheres também usam o azul, mas ele é o preferido dos homens, principalmente o azul claro.

Em outros lugares do Brasil não é assim. Na Paraíba, por exemplo, há uma preferência pelos tons pastéis como o bege.”



A torta capixaba é um dos pratos típicos do Estado

LEONARDO BICALHO/AT

Dificuldade de fazer amigos

Verdade ou não, há quem ache muito difícil fazer novos amigos em terra capixaba. Essa é a queixa que pessoas que vieram de outros estados têm a fazer sobre o Espírito Santo.

A técnica em Enfermagem Cátia Regina Brandão Matta, 45, está aqui há oito anos e confessa que o seu círculo de amizades reduziu bastante desde que veio da Bahia, sua terra natal.

“Na época meu ex-marido foi transferido do trabalho e viemos para cá com nossos três filhos. Eles mesmo tiveram muita dificuldade de relacionamento”, lembra.

Cátia opina que as pessoas do interior do Estado são mais abertas e receptivas do que as que residem na capital.

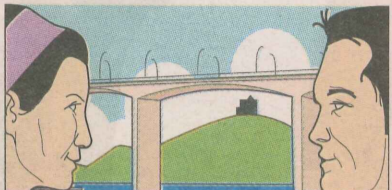
“Para se ter uma ideia, me dou melhor com pessoas de outros lugares, como mineiros, do que com os capixabas. Eles são muito fechados.”

Apesar da reclamação, ela afirma que já se acostumou com o jeito das pessoas.

“Não penso em voltar para Salvador, pelo menos por enquanto. Aqui tenho qualidade de vida”, destaca Cátia.

A jovem paulista Jamilly Spies, 23, formada em Relações Públicas, chegou ao Estado em janeiro deste ano para ficar mais perto da família. Até então, ela morava em São Paulo.

“Já tinha vindo ao Estado antes. Conheci Itaúnas que, inclusive, é um lugar lindo. O Estado tem



pontos turísticos maravilhosos e, para ajudar, o trânsito ainda não é tão caótico”, observa.

A jovem também elogia as oportunidades de trabalho que o Estado oferece.

“Mas percebi que aqui é tudo muito segmentado. Em determinado bar só vai um público específico, e quem não se encaixa naquele perfil frequenta outro lugar. Em São Paulo você encontra pessoas de diferentes estilos no mesmo ambiente.”

Outra percepção de Jamilly é a existência das famosas ‘panelas’.

“Depois que você entra num grupo de amigos é difícil fazer outras amizades. As pessoas ficam naquele ciclo e não conhecem outras pessoas.”

Jamilly Spies, 23 anos, formada em Relações Públicas

“Depois que você entra num grupo de amigos é difícil fazer outras amizades.”

“As pessoas ficam naquele ciclo e não conhecem outras pessoas”, acrescentou.

Ela afirma que encontrou no surfe uma

maneira de se relacionar com os capixabas.

Um analista de sistemas de 35 anos, que prefere não se identificar, ressalta que sempre teve a casa cheia em Minas Gerais, onde morava. Ele está aqui há 10 anos.

“Aqui é complicado. A forma de ser recebido é bem diferente da de Minas”, diz ele.



A paulista Jamilly encontrou no surfe uma forma de fazer amigos capixabas

FERNANDO RIBEIRO/AT

Mais mineiros e baianos no Estado

Em 2007, os capixabas eram 82,26% da população do Estado. Hoje, são 78%. Um estudo encomendado pelo governo do Estado aponta que o número de pessoas de outras regiões em solo capixaba subiu de 17,74%, em 2007, para 22%, em 2009.

Entre os migrantes, o primeiro lugar é ocupado pelo mineiros, seguido pelos baianos.

O professor de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Edebrando Cavaleri afirma que a presença de migrantes no Espírito Santo sempre foi uma tônica.

Cearenses, mineiros e pessoas de outros lugares formaram grupos e por aqui foram se miscigenando. Eles também contribuem

com para a formação da identidade capixaba.

“Comidas são introduzidas e hábitos e visões de mundo vão configurando mais um perfil da diversidade capixaba”, destaca Edebrando.

O especialista em História Política Adilson Vilaça explica que tanto mineiros quanto baianos vem no Estado uma oportunidade de trabalho. “Há aproximadamente 15 anos o Espírito Santo tem crescimento econômico acima da média.”

Segundo o professor, é a possibilidade que as pessoas têm de crescer, empreender e se destacar no mercado.

ESTUDO

- Origem dos moradores**
 - Capixabas: 78%
 - De outros estados: 22%
- Os 10 lugares de onde vem mais gente**
 - Minas Gerais: 9,8%
 - Bahia: 4,9%
 - Rio de Janeiro: 3,3%
 - São Paulo: 1,3%
 - Paraná: 0,6%
 - Ceará: 0,5%
 - Alagoas: 0,3%
 - Amapá: 0,2%
 - Rondônia: 0,2%
 - Sergipe: 0,2%

Fonte: Governo do Estado.

A IDENTIDADE DO CAPIXABA

RELIGIOSIDADE

Os capixabas são muito religiosos. Eles são capazes de seguir duas religiões sem qualquer problema. Há quem participe da procissão de um santo e, em seguida, se

dirija até o píer de lemanjá, localizado na Praia de Camburi, em Vitória.

O Espírito Santo é, inclusive, um dos poucos lugares do Brasil que colocaram a figura de lemanjá numa área pública de destaque. No Rio de Janeiro isso não existe

O Convento da Penha é um dos ícones da cultura local



e até mesmo as principais praias da Bahia não têm o monumento.

Outro comportamento comum do capixaba é passar pelo Convento da Penha enquanto está na Terceira Ponte e fazer o sinal da cruz. A cena pode ser vista dentro de um táxi, do ônibus e também em carros particulares.

CONVERSA SÓ COM VOGAIS

O capixaba é capaz de dizer uma frase inteira só com o uso de vogais. Por exemplo: “Ó o auê aí ó”. A pessoa se comunica dessa forma e o receptor entende a mensagem.

Outro exemplo: o capixaba está numa loja ou almoçando num restaurante e vê pelo vidro do estabelecimento alguém tentando estacionar o carro numa vaga apertada e o seu veículo é exatamente o de trás.

Ele vê o motorista quase bater e solta um “ôôô!”. É um comportamento natural, que a pessoa sequer percebe.

POVO HOSPITALEIRO

Ao contrário do que muita gente julga, os especialistas afirmam que o capixaba é hospitaleiro sim.

Para o coordenador de Patrimônio e Material da Secretaria de Estado da Cultura, Condebalde de Menezes Borges, o jeito do capixaba ser e de estar habituado a outras culturas faz com que ele assimile mui-

JULIA TERAYAMA/AT



A casaca e o tambor de congo também são referências

to bem as diferenças. “As pessoas encontram aqui acolhimento.”

DEFENSOR DA FAMÍLIA

O capixaba tem uma ligação muito forte com a família. Ele está preso às relações familiares, defende esse comportamento e considera como algo importante.

O próprio fato de morar com os pais, mesmo quando já se tem 30, 40 anos, é algo tido como positivo e valorizado.

APEGO ÀS TRADIÇÕES

Outra característica do povo capixaba é o apego às tradições, com valorização de

coisas da terra, como o congo. Por isso, durante muito tempo o Estado foi visto como um lugar provinciano, se comparado a metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, ainda preso a costumes e hábitos normalmente mais fortes em cidades pequenas. Mas, nos últimos anos, a sociedade vem perdendo essas referências locais e vem se conectando com influências externas.

Fonte: Adilson Vilaça, professor da UVV, especialista em História Política e mestre em Literatura; Ery dos Anjos, professor da Ufes e doutor em Sociologia; Condebalde de Menezes Borges, coordenador de Patrimônio e Material da Secretaria de Estado da Cultura.